

Sinfonia Varsóvia

22/04 (Série Branca) - 23/04 (Série Azul)

Beaux Arts Trio

13/05 (Série Branca) - 14/05 (Série Azul)

Jean Louis Steuerman

27/05 (Série Branca) - 28/05 (Série Azul)

Orquestra Sinfônica de Montreal

13/06 (Série Branca) - 14/06 (Série Azul)

Orquestra Filarmônica de Leningrado

24/06 (Série Branca) - 26/06 (Série Azul)

Pinchas Zukerman and Friends

19/08 (Série Branca) - 20/08 (Série Azul)

Lazar Berman

23/09 (Série Branca) - 25/09 (Série Azul)

Camerata Academica do Mozarteum de Salzburg

30/09 (Série Branca) - 01/10 (Série Azul)

Quarteto Melos

21/10 (Série Branca) - 22/10 (Série Azul)



SINFONIA VARSÓVIA

Em 1984, Yehudi Menuhin foi convidado pela Orquestra de Câmara Polonesa, na qualidade de regente e solista, para uma série de apresentações. A direção da Orquestra achou por bem chamar outros músicos para dar corpo à formação original. Convidou-se músicos da Polônia inteira. O sucesso foi excepcional.

O público e os críticos se entusiasmaram de tal forma, que a idéia de tornar o conjunto permanente tomou forma. Sir Yehudi Menuhin, encantado com o desempenho da orquestra, logo firmou um contrato com a **Sinfonia Varsóvia** para se tornar seu primeiro regente convidado.

Imediatamente, a Orquestra recebeu convites para se apresentar nos Estados Unidos e no Canadá. No decorrer destes últimos anos tocou no Festival Menuhin em Gstaad, nos Festivais de Schleswig-Holstein, de Würzburg e de

Aix-en-Provence. Tocou também nas mais importantes salas de concertos: Barbican Hall em Londres, Carnegie Hall em Nova York, Santa Cecília em Roma, Palais des Beaux Arts em Bruxelas, Théâtre des Champs Elysées em Paris.

Ilustres regentes já estiveram à frente da Orquestra: Claudio Abbado, Charles Dutoit, Jerzy Maksymiuk, Mstislav Rostropovitch, Krzysztof Penderecki, Jerzy Swoboda, Muhai Tang, Yehudi Menuhin, Volker Schmidt-Gertenbach, Hans Graf, Jean-Bernard Pommier, Emanuel Krivine, Leopold Hager. O conjunto já acompanhou solistas do porte de: Maurice André, James Galway, Michela Petri, Theresa Berganza, Shlomo Minz, Gidon Kremer, Yehudi Menuhin, Mstislav Rostropovitch, Henryk Szeryng, Misha Maisky, Frank Peter Zimmerman, Salvatore Accardo, Elisabeth Leonskaya, Justus Franz, Augustin Dumay, Kiri Te Kanawa, Anne-Sophie Mutter.

SINFONIA VARSÓVIA

Regente: LEOPOLD HAGER

Primeiro Violino: Jan Stanienda
Diretor: Franciszek Wybranczyk
Diretor de Tournée: Till Dönch

Primeiros Violinos

Wieslaw Kwasny
Andrzej Staniewicz
Lukasz Turcza
Jaroslaw Pietrzak
Krzysztof Bzowka
Anna Gotartowska
Edyta Mazurkowska
Robert Kabara

Segundos Violinos

Zbigniew Wytrykowscki
Jozef Kolinek
Grzegorz Gardzina
Krystyna Walkiewicz
Boguslaw Powichrowski

Violas

Artur Paciorkiewicz
Wlodzimierz Zurawski
Dariusz Kisielinski
Janusz Biezynski

Violoncelos

Jerzy Klocek
Ewa Wasiolka
Zdzislaw Lapinski
Katarzyna Drzewiecka

Contrabaixos

Krzysztof Mroz
Janusz Marynowki

Flautas

Kazimierz Moszynski
Hanna Turonek

Clarinetas

Aleksander Romanski
Dariusz Wybranczyk

Trompas

Pawel Szczepanski
Roman Sykta

Oboés

Boleslaw Slowik
Bogdan Liszka

Fagotes

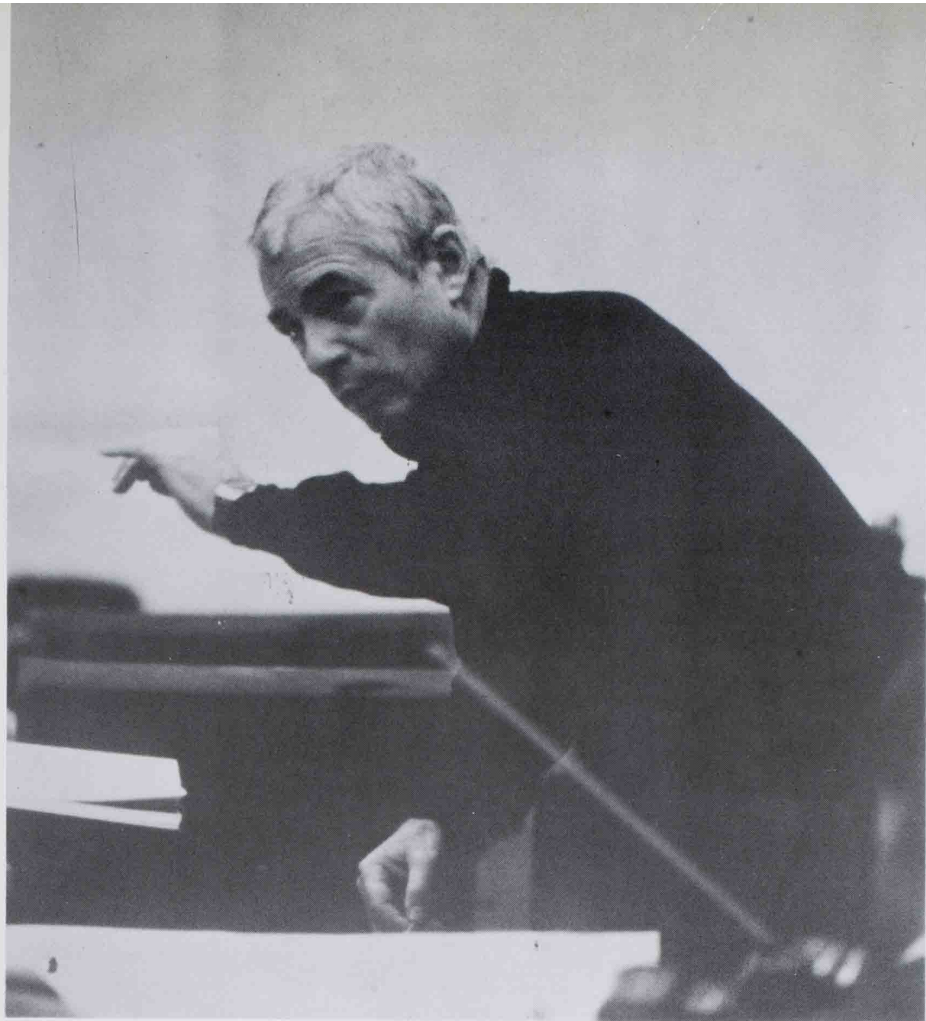
Zbigniew Pluzek
Wieslaw Woloszynek

Trompetes

Jerzy Kalinowski
Boguslaw Skocz

Percussão

Robert Piechowiak



LEOPOLD HAGER

Leopold Hager é sem dúvida um dos mais renomados regentes da atualidade.

Nasceu em Salzburgo onde estudou regência, órgão, piano, cravo e composição no Conservatório "Mozarteum" desta cidade.

Após seus primeiros contratos em Mainz, Linz e Colônia, Leopold Hager foi nomeado diretor musical em Friburgo em 1965, onde permaneceu até 1969; de 1969 a 1981 foi o principal regente da Orquestra Mozarteum de Salzburgo. Teve início então um intenso período de atividades: tournées na Europa e no resto do mundo, gravação da integral dos concertos para piano, das óperas da juventude e das árias de concerto de Mozart.

Foi convidado a reger no Festival de Salzburgo, na Ópera de Viena, na Ópera de Estado da Bavária, no Metropolitan e no Covent Garden. Regeu também importantes orquestras: Filarmônicas de Viena e de Berlim, Concertgebouw de Amsterdam, Staatskapelle de Dresden, etc.

Neste ano de homenagem a Mozart, Leopold Hager vai dirigir a nova produção de "Cosi fan tutte" no Metropolitan, e "Don Giovanni" na Ópera de São Francisco.

22 de abril - 2ª feira - 21 horas

J. Haydn (1732-1809)

**Sinfonia nº 69 em Dó maior,
"Laudon" Hob I/69**

Allegro vivace
Un poco Adagio, piu tosto Andante
Minuetto – Trio
Finale – Presto

W. A. Mozart (1756-1791)

**Concertone para dois violinos e
orquestra em Dó maior, K. 190**

Allegro spiritoso
Andantini grazioso
Tempo di Minuetto
**Solistas: Jaroslaw Pietrzak
Robert Kabara**

Intervalo

W.A. Mozart (1756-1791)

Sinfonia nº 40 em Sol menor, K. 550

Molto allegro
Andante
Minuetto – Allegretto
Allegro Assai

23 de abril - 3ª feira - 21 horas

C. W. Gluck (1714-1787)

**Dança das Fúrias e chaconne
de "Orfeo e Eurídice"**

W. A. Mozart (1756-1791)

Música de ballet de "Idomeneo", K. 367

Chaconne e Pas seul (Nº 1 e 2)

W. A. Mozart (1756-1791)

Divertimento em Fá maior, K. 138

Allegro
Andante
Presto

Intervalo

W. A. Mozart (1756-1791)

Sinfonia nº 41 em Do maior "Júpiter", K. 551

Allegro vivace
Andante cantabile
Minuetto - Allegretto
Molto Allegro

Próximas apresentações: Beaus Arts Trio
13 e 14 de maio – 21 horas

Franz-Josef Haydn – Sinfonia nº 69 em dó maior – "Laudon"

Haydn escreveu a Sinfonia nº 69 por volta de 1778. Seu apelido vem do marechal de campo Ernest Gideon Freiherr von Loudon, herói austríaco da Guerra dos Sete Anos e, mais tarde, vencedor dos Turcos. Não é certo que Haydn tenha composto a sinfonia especialmente para essa personalidade que, aliás, admirava. Mas não há dúvida de que a tonalidade da obra, sua orquestração e sobretudo a fanfarra de abertura conotavam, na época, o heroísmo dessa figura então bastante popular. Os dois primeiros movimentos estão escritos em forma-sonata: o primeiro, *Allegro vivace*, transcorre em clima a um só tempo moderado e superior – espécie de apologia do Homem enquanto ação; o segundo movimento, *Un poco adagio* – *piuttosto andante*, é todo um fluxo amável e sonhador, onde cordas são munidas da discreção das surdinas. O *Menuet* que vem em seguida é bastante solene e os tímboles se encarregam de acentuar suas simetrias; o *Presto final* é um jovial torvelinho que utiliza-se do esquema *rondó* para a extroversão do seu caráter.

W. A. Mozart – Concertone para dois violinos e orquestra em dó maior, K 190.

Apesar do título, que sugere pelo aumentativo um concerto de grandes proporções, o *Concertone* em dó maior possui mesmo o aspecto e o alcance de um leve divertimento. Ele foi escrito em maio de 1773, em Salsburgo, cidade para onde Mozart retornara de mau humor depois de uma série de viagens interessantes. A obra é contemporânea das Sinfonias de números 22 a 27 e se movimenta dentro da estilística "galante", na qual Mozart se expressava naquele momento. Porque faz com que o oboé e um violoncelo também ganhem papel concertante (nos dois últimos movimentos), o *Concertone* dá indícios de como serão as futuras Sinfonias Concertantes do autor.

W. A. Mozart – Sinfonia nº 40 em sol menor K 550

A Sinfonia em sol menor é, sem dúvida, a mais popular da produção mozartiana. Contribuíram para a sua grande aceitação junto ao público os seus temas facilmente memorizáveis (e todos eles são, efetivamente, memoráveis) e, acima de tudo, o patético clima expressivo da obra, que muitos ainda consideram "romântico". Ela foi terminada em julho de 1788 – curiosamente, dez anos depois da outra única sinfonia que Mozart escreveu em tonalidade menor, a de número 25 K 183. Conhecem-se duas versões da partitura, uma delas não comportando clarinetas. Ambas não fazem uso de trompetes ou tímboles, o que concorre para dar a ela a sua cor peculiar.

No primeiro movimento (*Molto allegro*), um obsedante motivo é levado a regiões harmônicas inesperadas, em um discurso mantido sob forte efeito de tensão. No *Andante* em mi bemol que se segue, o tema principal é tratado em imitações que acentuam seu recorte lancinante. O *minuetto* (*Allegro*) que vem em seguida também faz uso do contraponto para aumentar o seu tom incisivo. O movimento final, *Allegro assai*, de grande energia, já foi chamado de "febril" por seu clima atormentado. Seja como for, é uma das páginas mais emocionantes do compositor.

Christoph Willibald Gluck – Dança das Fúrias e Chacona de Orfeo ed Euridice

Gluck, alemão do Alto Palatinado que viveu entre 1714 e 1787, foi um caso peculiar no panorama da música de seu tempo. Mesmo não tendo o domínio técnico de seus grandes colegas da época, acabou por ter papel de destaque na História da Música, graças sobretudo às reformas que empreendeu no domínio da ópera. Vendo como o verdadeiro papel da música, na ópera, o de servir o texto poético conseguiu, com simplicidade e clareza, dar um novo equilíbrio à relação drama/música. Em seu novo modelo para a cena, suprimiu o prólogo e as árias inúteis; substituiu o recitativo seco pelo recitativo melódico acompanhado pela orquestra; deu importância especial à Abertura, que passou a anunciar e a resumir o drama; emprestou nova função dramática aos coros; e presidiu à escolha "das paixões fortes, das grandes imagens e das situações dramáticas que sacodem o público". Suas grandes reformas foram iniciadas com Orfeo ed Euridice (Viena, 1762), que teve versão francesa em 1774. Tanto a agitada Dança das Fúrias, que encerra o primeiro quadro, quanto a Chaconne, peça de encerramento do espetáculo, exemplificam bem a "simplicidade do estilo" e a "nobreza de inspiração", duas decantadas qualidades da música de Gluck.

Notas de Programa:

J. Jota de Moraes

W. A. Mozart – Música de balé de Idomeneo, K 367

Idomeneo, rè di Creta é a primeira ópera de Mozart que pertence ao seu ciclo de autênticas obras-primas. Nasceu de uma encomenda feita a ele para ser apresentada na temporada de Carnaval de Munique de 1781. Seu libreto, já utilizado por outros compositores, parte da seguinte situação dramática: voltando da Guerra de Tróia, o rei Idomeneo enfrenta uma violenta tempestade marítima; faz um voto ao deus do mar, prometendo-lhe que, se saísse salvo, sacrificaria a ele o primeiro ser humano que encontrasse, ao desembarcar; em terra, o primeiro a avistar é o seu próprio filho, Idamante. Ainda que se dobrando às exigências do modelo formal imposto, o da ópera-seria, gênero já em franca decadência, Mozart conseguiu articular um espetáculo coerente que, apesar da fraqueza do libreto, sempre gozou do seu próprio carinho. A música de balé às vezes apresentada em concertos é uma suíte de danças de caráter solene, as quais são destinadas a encerrar a ópera, simbolizando as festas da coroação de Idamante e de suas bodas. A riqueza da sua orquestração pode ser explicada pelo fato de que, na estréia, Mozart tinha a sua disposição o melhor grupo instrumental da época, o de Mannheim.

W. A. Mozart – Sinfonia nº 41 em dó maior K 551

A Sinfonia em dó maior coroa, de maneira triunfante, a produção sinfônica de Mozart. Já se disse que ela faz uma espécie de par antitético com a Sinfonia em sol menor, a de número 40, na medida em que se afirma como um grande gesto de otimismo, de vitória. Seja como for, ela recebeu os últimos retoques do autor no dia 10 de agosto de 1788 e ela é bem um testemunho da ciência à que o compositor chegara nas suas experiências em torno da renovação do uso do contraponto em um contexto harmônico. É a mais longa das sinfonias de Mozart e a maestria do músico se revela no equilíbrio da arquitetura e na longa respiração de cada um dos movimentos, alcançados com aparente facilidade. Em seu primeiro movimento (Allegro vivace) utiliza, como terceiro grupo temático, o motivo bem humorado da ária Un bacio di mano, que Francesco Albertarelli acabara de compor. O Andante cantabile (con sordini) que vem em seguida mostra outros timbres da paleta expressiva do compositor, para se encerrar em coda de extraordinária beleza. O minuetto (Allegretto) baseia-se em um único tema principal, de aspecto determinado e elegante. O finale, Molto allegro, é uma das impressionantes páginas sinfônicas de que se tem notícia, graças à exuberância da invenção temática, tratada aí com muita ciência contrapontística.

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Air France
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Safra S.A
CCE – Audio/Vídeo/Informática
English Lavender de Atkinsons
Fundação Japão
Golden Cross
Heublein do Brasil
Metal Leve
Rádio Eldorado
S.A. Indústrias Votorantim
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em vincular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.3616
Bilheteria 258.3616
Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal

CULTURA ARTÍSTICA